

PERSPECTIVAS E LIMITAÇÕES DO ENSINO DE FILOSOFIA ATRAVÉS DAS OBSERVAÇÕES DE ESTÁGIO CURRICULAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Valeska Moraes¹

Lucas de Mattos²

Andrea Becker Narvaes³

Resumo:

O referido trabalho tem como objetivo principal analisar o processo de ensino-aprendizagem da filosofia como componente curricular no ensino médio. Como objetos de pesquisa foram estudados o desenvolvimento de algumas aulas de filosofia em duas instituições de ensino do município de São Borja - RS, assim com os planos de ensino da disciplina. A pesquisa deu-se a partir de uma reflexão sobre o componente de estágio I do curso de Licenciatura em Ciências Humanas ofertado pela Universidade Federal do Pampa/UNIPAMPA - campus São Borja. O estágio I é destinado à aproximação do ambiente escolar, portanto, as observações ocorreram na grande área das ciências humanas, assim como, leitura dos documentos como regimento da escola, projeto político pedagógico, planos de ensino etc. A pesquisa restringe-se a fazer uma reflexão crítica perante as condições e perspectivas da filosofia no ensino médio, levando em consideração seu histórico de instabilidade nos currículos educacionais. A metodologia resume-se a observação das aulas e a uma pesquisa bibliográfica de autores como GHEDIN (2009), COTRIM (1988), AZEREDO (2010) e KOHAN (2009). Percebeu-se através da pesquisa, que a filosofia torna-se abstrata e vista como algo além da realidade e do cotidiano do educando, distanciando-se das habilidades e competências contidas nos planos de ensino das escolas. Enfatiza-se a relevância de tornar as aulas de filosofia atrativas, trazendo elementos filosóficos, para que o educando entenda o significado da filosofia, estimulando o seu pensamento autônomo-crítico-reflexivo e tornando os conteúdos e temas significativos a sua realidade social.

Palavras-chave: Filosofia- Estágio - Ciências Humanas

Modalidade de Participação: Iniciação Científica

PERSPECTIVAS E LIMITAÇÕES DO ENSINO DE FILOSOFIA ATRAVÉS DAS OBSERVAÇÕES DE ESTÁGIO CURRICULAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

¹ Aluno de graduação. valeskaavila.m@gmail.com. Autor principal

² Aluno de graduação. lukasmoreira18@gmail.com. Co-autor

³ Docente. deianarvaes@gmail.com. Orientador

PERSPECTIVAS E LIMITAÇÕES DO ENSINO DE FILOSOFIA ATRAVÉS DAS OBSERVAÇÕES DE ESTÁGIO CURRICULAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

1 INTRODUÇÃO

A referida pesquisa possui como objetivo realizar uma análise sobre as condições em que se desenvolve o processo de ensino e de aprendizagem da Filosofia como componente curricular obrigatório no Ensino Médio, suas potencialidades e limitações pedagógicas na rede básica de ensino, a partir de observações realizadas em estágio obrigatório no curso de Ciências Humanas - Licenciatura. Destaca-se que a maioria das observações foram realizadas em escolas públicas, situadas em zonas periféricas do município de São Borja.

O estudo deu-se a partir das observações realizadas no Estágio Curricular I do curso de Licenciatura em Ciências Humanas, ofertado pela Universidade Federal do Pampa, campus - São Borja, onde foram observadas algumas aulas da área das Ciências Humanas, tendo como enfoque compreender mais aprofundadamente as aulas de Filosofia suas potencialidades e limitações no ambiente escolar. O presente trabalho é resultado de um conjunto de análises sobre as observações realizadas nas aulas e contribuições de autores através de pesquisas bibliografias.

Ao considerar a dicotomia existente entre a teoria e a prática, no ensino de filosofia buscar-se-á compreender os desafios e perspectivas deste ensino, identificando através das observações de estágio, as características teóricas e práticas desenvolvidas no trabalho dos professores, realizando uma investigação sobre as metodologias e conteúdos utilizados.

2 METODOLOGIA

Para a elaboração deste trabalho foram utilizados como procedimentos metodológicos: a análise das considerações realizadas no estágio de observação pelo componente de estágio curricular I ofertado pelo curso de Ciências Humanas - Licenciatura, uma análise aprofundada nos documentos organizacionais das instituições de ensino e uma pesquisa bibliográfica de autores como GHEDIN (2009), COTRIM (1988), AZEREDO (2010) e KOHAN (2009).

Primeiramente foi realizado um estudo histórico sobre a condição de descaso a qual a Filosofia como disciplina obrigatória ocupou nos currículos, levando em consideração que as problemáticas referentes à prática da filosofia na educação básica são consequências de uma instabilidade da presença desta disciplina como componente curricular de caráter obrigatório.

Seguidamente são realizadas algumas considerações resultantes de uma análise comparativa entre o que se propõe para o ensino da filosofia e o núcleo de conteúdos contidos nos documentos pedagógicos das instituições, observando o que se efetiva na realidade do ambiente escolar, considerando as observações das aulas

3 RESULTADOS e DISCUSSÃO

Para refletir sobre as limitações e perspectivas do ensino da filosofia é preciso, primeiramente, realizar algumas considerações sobre a ausência de uma tradição desta disciplina no currículo do ensino médio pois em determinados períodos da história, a filosofia como componente curricular, foi anulada ou se tornava facultativa, porque não correspondia aos objetivos tecnicistas e ideológicos vigentes. Essa instabilidade da filosofia pode ser percebida através das palavras de AZEREDO (2010, P.2) ao relatar que:

Há um inconstante movimento não linear dos projetos e reformas educativas no Brasil, constituintes curriculares que são ora humanistas ora cientificistas e nestas reformas, igualmente uma grande oscilação da Filosofia, que por vezes teve destaque acentuado como no período colonial, ou então, quase “apagada” como na época da ditadura militar, ou ainda, obscura como até pouco tempo por não se fundar orientações e um lugar específico de discussões.

Diante desta colocação, pode-se perceber que por vezes a filosofia foi retirada do currículo conforme as propostas das reformas educacionais que vêm sendo feitas desde o período colonial até os dias atuais. Entretanto, cada vez que a filosofia retorna aos currículos surgem inúmeras preocupações em relação a sua efetividade, principalmente no que diz respeito aos pressupostos epistemológicos e metodológicos que fundamentam a prática do ensino da filosofia.

De acordo com Azeredo (2010) no ano de 2006 foi determinado que as escolas que operavam com currículos disciplinares deveriam introduzir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias, e para essa mudança são construídas as Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio com os “Conhecimentos de Filosofia”, apresentando uma estrutura didática e metodológica novas para a prática no Ensino Médio. Entretanto, devido à instabilidade da filosofia no currículo essas propostas se tornam difíceis de serem concretizadas, principalmente no que diz respeito a demanda por docentes com formação na área de filosofia que estejam preparados para cumprir os desafios teóricos e metodológicos que o ensino da filosofia requer.

Segundo Cotrim (1988) a filosofia no ensino médio deveria

Desenvolver no estudante o senso crítico, que implica a superação das concepções ingênuas e superficiais sobre os homens, a sociedade e a natureza, concepções estas forjadas pela “ideologia” social dominante. Para isso, é necessário que o ensino da Filosofia estimule o desenvolvimento da reflexão do estudante e forneça-lhe um conjunto de informações sobre reflexões já desenvolvidas na história do pensamento filosófico. O resultado desse processo é a ampliação da consciência reflexiva do estudante, voltada para dois setores fundamentais: a consciência de si mesmo: crítica de si próprio enquanto pessoa e de seu papel individual e social (autocrítica); a consciência do mundo: compreensão do mundo natural e social e de suas possibilidades de mudança

A partir dos pressupostos abordados acima, percebe-se que a inconsistência do componente curricular de filosofia dentro do Ensino Médio regular, enquanto disciplina “obrigatória”, reflete de maneira bastante direta dentro do ambiente escolar, pois o ensino de temáticas importantes como a ética a política, a cidadania e a lógica acabam por serem ignoradas de maneira bastante específica, pela falta de comprometimento das instituições do poder público com um ensino filosófico de qualidade e satisfatório, levando, por conseguinte, a formação de uma grande parcela de educandos alienados a realidade em que estão inseridos. Segundo Kohan (2009, p. 83), a filosofia não transforma uma ordem social para instituir outra, mas transforma o que somos e o modo como nós pensamos em uma ordem social dada para abrir a possibilidade de pensar e viver uma nova realidade.

Conforme as observações realizadas no componente curricular, destacou-se que o ensino de filosofia nas instituições escolares, é configurado em sua totalidade como simplório e superficial, uma vez que, as aulas observadas resumem-se a um diálogo entre professor e aluno, entre perguntas e respostas sem nenhum aprofundamento teórico e epistemológico sobre as temáticas desenvolvidas por filósofos do período da idade antiga, moderna e/ou contemporânea,

não havendo, por conseguinte, uma discussão mais embasada ou crítica sobre as teorias do conhecimento hermenêutico. Compreendendo que, um dos diferenciais da filosofia é não hesitar em questionar, assim como, a arte da argumentação e do diálogo, Ghedin (2009) nos expõe que

Há, a propósito, um problema evidente no processo de ensino da filosofia: Cogita-se ensiná-la de modo diferente de como ela é produzida por filósofos. A meu ver, o modo de ensiná-la não pode ser diverso das mediações usadas para produzi-la. A resistência a filosofia no espaço da escola deve-se a essa postura didática que, partindo do conteúdo, negligência seu processo metodológico, exclui o método que tornou possível a reflexão filosófica.

As observações também foram fundamentais para perceber a dicotomia entre a teoria pedagógica e prática docente no ambiente escolar, pois as aulas observadas em sua maioria eram caracterizadas como expositivas e dialogadas, com uma exposição maçante de conteúdos, que não contribuíam para aprendizagem significativa dos alunos. As aulas, em geral, não proporcionam muitos espaços para realização de debates, que configura-se como a base da filosofia, tornando o ambiente de ensino um pouco cansativo e desmotivador para os educandos.

Constatou-se, portanto, que não há uma coerência entre o que dizem as Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio e o que ocorre nas instituições escolares analisadas. Não predomina nas escolas um ensino dinâmico e satisfatório do componente de filosofia e suas multidimensões, resultando em uma não compreensão e percepção da importância da mesma dentro do núcleo curricular. A filosofia torna-se abstrata e vista como algo além da realidade e do cotidiano do educando, distanciando-se das habilidades e competências contidas nos planos de ensino das escolas, tendo como base o aparato teórico superficial sem discussões epistemológicas motivadoras e reflexivas, que visam proporcionar ao educando um olhar crítico sobre a realidade no qual está inserido e sobre as mazelas sociais enfrentadas pela sociedade contemporânea, retirando-o do universo alienado na qual é inserido pelo sistema governamental vigente.

Todavia, enfatiza-se a relevância de tornar as aulas de filosofia atrativas, trazendo elementos filosóficos, para que o educando entenda o que é a filosofia, estimulando o pensamento autônomo-crítico-reflexivo, tornando os conteúdos e temas significativos. Como cita Veiverberg, “ensinar e aprender filosofia são possibilidades de transformar o pensamento e com isso também o nosso modo de vida sem definir uma forma específica desta transformação” (VEIVERBERG 2015, p.15).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observou-se, portanto, que a inconsistência da filosofia, enquanto componente curricular, dentro da matriz pedagógica da rede básica de ensino, deve-se aos métodos de ensino utilizados no ambiente escolar que tendem a ignorar o ensino da filosofia na perspectiva filosófica mesma. A filosofia infelizmente, vem desgastando-se ao longo dos tempos, por conta de sua instabilidade dentro do currículo da educação básica, fazendo com os educandos tenham uma visão errônea do ensino de filosofia, que deveria ser configurado como a oportunidade de formação de uma saber crítico e reflexivo sobre os problemas sócio culturais da sociedade moderna e infelizmente vem se apresentando como uma disciplina leviana que serve apenas como complemento de horas para os educadores que lecionam em várias áreas do conhecimento.

Contudo, ressalta-se que as considerações apresentadas no presente trabalho, são baseadas em algumas aulas observadas em duas instituições de ensino, sendo que em apenas uma das escolas a educadora tinha a sua formação na disciplina de filosofia, portanto, as considerações aqui citadas são parte de um todo mais complexo que necessita de estudos mais desenvolvidos.

REFERÊNCIAS

AZEREDO, Jéferson Luís. **Filosofia no currículo escolar brasileiro: contextos históricos**. Santa Catarina: Ed. SELM, 2010.

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da Filosofia para uma Geração Consciente**. - 3º Edição. São Paulo: Ed. Saraiva, 1988.

KOHAN, Walter Omar. **Filosofia: o paradoxo de aprender e ensinar**. Tradução Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

VEIVERBERG, Fernanda de Oliveira. **Ensino de Filosofia nos meandros do Ensino Médio Estadual**. Revista Digital de Ensino de Filosofia, Santa Maria. Ano I – n.1 jan./jun. 2015.